

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A ESCOLA COMO PARTE DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA

THE SCHOOL AS PART OF THE CONSTRUCTION OF ETHNIC IDENTITY

Ketlyn Emanuele Lourenço¹
Ivone de Fátima De Jesus²
Luciani Capelin³
Márcia Andreia dos Santos⁴

Resumo: Desde o momento de seu nascimento é instituído ao ser humano uma identidade. Palavra esta que pode ser compreendida através de perspectivas diversas: documento, jeito de ser, entre outros. O que muitas vezes se esquece é que para a formação da identidade de um indivíduo outros fatores devem ser considerados, tais como: cultura, educação e, até mesmo, etnia. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir a respeito de termos como: educação, cultura e identidade e como eles são aplicados em espaços escolares direcionados às comunidades étnicas. Para tanto, foram realizadas pesquisas de campo nos seguintes espaços: Escola Estadual Verá Tupã localizada na Comunidade Indígena Palmeirinha do Iguaçu no município de Chopinzinho – PR, e o Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira localizado na Comunidade Quilombola Adelaide Maria da Trindade Batista, em Palmas – PR. A discussão está amparada em autores como: Maher (1996), Hall (2006), Kaspreski (2020), Libâneo (2006), Santos (2010), entre outros.

Palavras chaves: Educação, Cultura, Identidade e Etnia.

Abstract: From the moment of birth, an identity is established for human beings. This word can be understood from different perspectives: document, way of being, among others. What is often forgotten is that in order to form an individual's identity, other factors must be considered, such as: culture, education and even ethnicity. Therefore, the present work aims to discuss terms such as: education, culture and identity and how they are applied in school spaces aimed at ethnic communities. To this end, field research was carried out in the following spaces: Escola Estadual Verá Tupã located in the Palmeirinha do Iguaçu Indigenous Community in the municipality of Chopinzinho – PR, and the Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira located in the Quilombola Community Adelaide Maria da Trindade Batista, in Palmas – PR. The discussion is supported by authors such as: Maher (1996), Hall (2006), Kaspreski (2020), Libâneo (2006), Santos (2010), among others.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) UTFPR – Ketlyn.emanuele@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) UTFPR – fatimaldejesus@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) UTFPR – lucapelin2020@gmail.com

⁴ Doutora em Linguística Aplicada - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) UTFPR – marsan@utfpr.edu.br

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Keywords: Education, Culture, Identity and Ethnicity.

1 Introdução

Há algum tempo nos deparamos com discursos a respeito de mudanças, sobre ser o momento de reconstruir, de fazer uma nova educação, principalmente no âmbito da Educação escolar. Porém esse discurso acontece ano após ano e, simplesmente, o que encontramos é “uma reprodução infinita de leis, de textos, de currículos e de didáticas [...]. Nenhuma palavra sobre a necessidade de uma metamorfose nas nossas identidades” (Skliar, 2003, p. 40). É necessário transformar a educação, mas continuamos sendo e agindo como os mesmos sujeitos de milhares de anos atrás.

Dessa forma, para que possa haver mudanças no âmbito educacional é preciso que todos os envolvidos no processo comecem a repensá-lo e, mais importante do que tudo isso, passe a enxergar que cada um de nós é único e tem algo a contribuir durante o processo de ensino e aprendizagem. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem como principal objetivo realizar a discussão de como a educação e a cultura podem se fazer presentes no processo de formação da identidade do indivíduo, principalmente em indivíduos que fazem parte de comunidades étnicas, como os quilombolas e os indígenas, por exemplo.

Para que seja possível o desenvolvimento do trabalho, inicialmente serão apresentados os conceitos de educação, cultura e identidade, esclarecendo como cada um deles age separadamente no âmbito educacional. Para tanto, serão utilizados os seguintes autores Maher (1996), Hall (2006), Kaspreski (2020), Libâneo (2006), Santos (2010) entre outros que possam enriquecer as discussões aqui propostas. Após a abordagem bibliográfica, será realizada uma análise de dados coletados nas comunidades étnicas: Escola Estadual Verá Tupã localizada na Comunidade Indígena Palmeirinha do Iguaçu no município de Chopinzinho – PR, e o Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira localizado na Comunidade Quilombola Adelaide Maria da Trindade Batista, em Palmas – PR. O principal

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

intuito será discutir as principais reflexões abordadas pelo corpo docente sobre aspectos relacionados a etnia.

E, por fim, apresentamos às considerações finais a respeito do assunto abordado durante o trabalho.

2 Discutindo: educação, cultura e identidade

No decorrer deste capítulo serão abordados os termos educação, cultura e identidade com suas respectivas definições. Essas terminologias possuem diversas interpretações e são de difícil compreensão, contudo utilizaremos um viés direcionado ao ambiente escolar como forma de interligar os termos abordados.

2.1 Cultura

De acordo com Cuche (1999) a cultura é inerente ao ser humano, sendo este um ser cultural. Dessa forma, a cultura permite que o homem não apenas se adapte ao meio em que vive, mas que o meio também possa ser adaptado para as necessidades humanas, transformando assim a própria natureza.

Chauí (2008) discute que o termo cultura sofreu diversas modificações ao longo dos anos, inicialmente ‘cultura’ significava o cultivo, o cuidado com a plantação. Depois passou a ser sinônimo de civilização, sendo um conjunto de práticas que transmite a ideia de tempo contínuo, linear e evolutivo, tendo como conceito evolução ou progresso. No século XIX, a ideia de cultura passa a definir o homem como agente histórico, para a autora, a ‘cultura’ começa a ser compreendida como a produção e a criação de linguagem a qual é incorporada a partir da segunda metade do século XX, com uma individualidade própria ou uma estrutura própria, ou seja:

A partir de então, o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendida como produção e criação da

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra, da paz, da noção de vida e morte (CHAUI, 2008, p.57).

Candau (2011) destaca que as diferenças culturais podem estar ligadas às etnias, ao gênero, a orientação sexual, a religião, entre outras. Por serem tão diversas elas se apresentarão das mais variadas formas: sons, ritos, saberes, cores, etc. O autor defende que todas essas questões são múltiplas e a sua visibilidade se deve, principalmente, aos movimentos sociais pois estes denunciam “injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural”. (CANDAU, 2011. p. 241)

O Brasil é um país que convive com uma grande diversidade cultural, pois há a presença de inúmeras etnias e cada uma delas apresenta suas particularidades, enriquecendo o meio cultural brasileiro. Assim o Brasil poderia ser considerado um país multicultural.

Hall (2003) define multicultural como um termo qualificativo, ou seja, a qualidade de uma sociedade que é formada por diversas culturas. Enquanto que o Multiculturalismo está relacionado “às estratégias políticas criadas para resolver os problemas de diversidade e multiplicidade geradas pela sociedade multicultural. O termo é usado geralmente no singular e significa a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais”. (HALL, 2003, p. 52).

É importante destacar que as sociedades multiculturais não são novidade, pois a migração e o deslocamento de povos produz sociedades culturalmente heterogêneas. Hall (2003) aponta três principais fatores que evidenciaram o multiculturalismo: a extinção de antigos impérios e o surgimento de novos estados, o fim da Guerra Fria e a globalização. Sendo que esta evidencia as diferenças presentes no interior das sociedades ou entre elas, pois há maior acesso às informações.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Com relação ao cenário educacional, são muitas as discussões sobre a diversidade cultural presentes nas escolas e a busca por um ensino multicultural e o quanto esse formato de ensino pode auxiliar na construção de uma educação integral e plena. Logo, para que as múltiplas culturas que formam nossa sociedade estejam presentes no ambiente escolar é de grande importância a existência do respeito para com o outro e sua cultura, garantindo assim o êxito no processo de ensino e aprendizagem.

2.2 Educação

Ao ouvirmos a palavra educação, a primeira ideia que, geralmente, nos remete é a escola, educação escolar, esquecemos que o real sentido da palavra vai muito além disso, pois a palavra ‘educação’ tem origem no Latim e de acordo com dicionário Michaelis *on line* pode significar ação ou efeito de educar, de aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de alguém, porém pode ser também o processo em que uma habilidade se desenvolve através de seu exercício contínuo, a capacitação ou formação das novas gerações de acordo com os ideais culturais de cada povo. Ou seja, educação é uma prática social que tem como objetivo o desenvolvimento do ser humano e, claro, a ação do desenvolvimento está interligada à cultura vivenciada por cada ser.

Libâneo (2006) destaca que em um sentido mais estreito, a ‘educação’ tem como local de ocorrência as instituições específicas, sendo elas escolares ou não, “com finalidades explícitas de instrução de ensino mediante uma ação consciente, deliberada e planejada, embora sem separar-se daqueles processos formativos gerais”. (LIBÂNEO, 2006, p.17)

Assim, de acordo com Libâneo (2006) cada sociedade necessita zelar pela formação dos indivíduos, auxiliando a desenvolver as capacidades físicas e espirituais, preparando-os para participar da vida em sociedade. Logo, não há sociedade sem prática educativa e vice e versa.

A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tronam aptos a atuar no meio social e a

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade (LIBÂNEO, 2006, p.17).

É importante observarmos que a cultura e a educação possuem uma estreita relação, o que é ressaltado por Santos (2020) ao afirmar que a sociedade é multicultural, pois cada vez mais é possível a percepção da presença de etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões de identidades no ambiente escolar e, conseqüentemente, na sociedade. Esses pontos devem ser levados em consideração para a construção do conhecimento científico.

Nesse sentido é necessário valorizar os saberes gerais, particulares e locais de cada região e de cada escola. E nunca cometer ou estimular a violência cultural contra o sujeito, pois o que deve prevalecer dentro do espaço escolar é a tolerância e o respeito às diferenças do outro, independentemente da cor de pele, da condição social ou do credo religioso (SANTOS, 2020, p. 91).

A partir de ações educativas o meio social influencia os indivíduos e, conseqüentemente, estes ao compreenderem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer relações transformadoras com o meio. Essas influências são perceptíveis no conhecimento, nas experiências, crenças e costumes passados através de gerações. De maneira ampla, podemos considerar que a educação está relacionada com processos formativos que ocorrem no meio social, sendo que os indivíduos estão necessariamente envolvidos nesse processo. Então “[...] a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana”. (Libâneo, 2006, p.17)

Ressalta-se que a prática educativa é fundamental ao ser humano, pois lhe agrega conhecimento e permite pensar de maneira crítica sobre sua vivência. Conclui-se que a educação é um fenômeno universal e de extrema necessidade à existência humana.

2.3 Identidade

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Ao pensarmos em uma conceituação para o termo ‘identidade’ é de suma importância que não nos atenhamos a terminologias linguísticas, mas que sejamos capazes de pensar sobre o quanto as identidades atuam socialmente.

De acordo com Hall (2006) mesmo que os membros da sociedade sejam diferentes em questões de classe, gênero ou raça, quando há uma cultura nacional, esta atuará como uma identidade única. Contudo, o autor traz como contraponto que “uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identidade simbólica” (HALL, 2006, p. 59).

Ainda sobre a identidade, Hall (2006) traz a seguinte divisão: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro é baseado em uma visão na qual o ser humano é um indivíduo totalmente centrado, sendo que a identidade nascia com o sujeito e com ele se desenvolvia. Com relação ao sujeito sociológico, este é apresentado como alguém não autônomo e que é formado a partir da sua interação com outros indivíduos. E o sujeito pós-moderno apresenta uma constante mudança em sua identidade, pois esta seria adaptável de acordo com o meio no qual ele estaria inserido, ou seja, sua identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.

Segundo Kreutz *apud* Kaspreski (2020, p. 108) “o étnico é elemento de diferenciação social, influi na percepção e na organização da vida social. Ele não se dá no abstrato, manifesta-se nos símbolos, nas representações e nas valorações de grupos”. Dessa forma, a identidade étnica passa por inúmeras mudanças no decorrer da história sendo influenciada pelas práticas sociais e culturais dos povos (KASPRESKI, 2020, p.108).

Conclui-se que a identidade étnica está atrelada às práticas sociais de um povo e são fluídas, tais como, os sujeitos pós-modernos pois não apresentam fronteiras rígidas, podendo ter mudanças, manter-se iguais ou mesmo deixarem de existir.

3 As fronteiras étnicas e a escola

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Para a elaboração do presente trabalho, foi realizada uma roda de conversa com os professores da Escola Estadual Verá Tupã localizada na Comunidade Indígena Palmeirinha do Iguaçu no município de Chopinzinho – PR, e do Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira localizado na Comunidade Quilombola Adelaide Maria da Trindade Batista, em Palmas – PR. O principal intuito dessa atividade era compreender como se dava o trabalho docente em escolas indígenas e quilombolas e, ainda, como os alunos tomavam parte desse processo e se há a influência ou não da escola na formação da identidade étnica do indivíduo.

3.1 Escola Indígena

É fato conhecido que, historicamente, a educação proporcionada aos povos indígenas no Brasil foi instrumento de aculturação e destruição de etnias. Assim, há muito se luta por práticas educacionais que possuam características próprias e diferenciadas, que respeitem e reforcem as especificidades culturais das diversas etnias dos povos originários brasileiros. Dessa forma, de acordo com a Constituição federal de 1988, a Lei 6001 de dezembro de 1973 e Decreto n.º 26, de 04 de fevereiro de 1991, constitui um dever do Estado:

Art. 1.º. Garantir às comunidades indígenas uma educação escolar básica de qualidade, laica e diferenciada, que respeite e fortaleça seus costumes, tradições, língua, processos próprios de aprendizagem e reconheça suas organizações sociais.

Art. 2.º. Garantir ao índio o acesso ao conhecimento e o domínio dos códigos da sociedade nacional, assegurando-se às populações indígenas a possibilidade de defesa de seus interesses e a participação plena na vida nacional em igualdade de condições, enquanto etnias culturalmente diferenciadas.

Art. 3.º. Garantir o ensino bilíngue nas línguas materna e oficial do país, atendido os interesses de cada grupo indígena em particular.

Art. 4.º. Criar, no Ministério da Educação, uma Coordenação Nacional de Educação Indígena, constituída por técnicos do Ministério e especialistas de órgãos governamentais, organizações não governamentais afetas à educação indígena e universidades, com a finalidade de coordenar, acompanhar e

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

avaliar as ações pedagógicas da Educação Indígena no País (BRASIL, 1991).

No Estado do Paraná, de acordo com dados da Secretaria Estadual de Educação (SEED), vivem, aproximadamente, 13.300 indígenas. Dos quais, cerca de 70% são pertencentes ao povo Kaingang e 30% do povo Guarani. Ainda é possível encontrarmos descendentes do povo Xetá e do povo Xokleng. Os povos originários estão distribuídos em 23 terras indígenas/aldeias no estado. O povo Guarani pertence ao tronco linguístico Tupi e atualmente somam quatro mil pessoas, aproximadamente. Enquanto o povo Kaingang, que possui o tronco linguístico ao Macro-Jê, está presente em 13 terras indígenas no Estado do Paraná somando uma população de cerca de nove mil pessoas.

A Escola Estadual Verá Tupã está localizada na Comunidade Indígena Palmeirinha do Iguaçu no município de Chopinzinho – PR e tem como particularidade atender aos povos de duas etnias: Kaingans e Guaranis. Então, as crianças que frequentam a escola têm aulas em português, kaingang e guarani, partindo da cultura vivenciada pelos indivíduos para a melhor compreensão dos conteúdos escolares.

Durante a visitação à escola obtivemos a informação de que o corpo docente é formado, em sua maioria, por indígenas. São contratados não-índios apenas para as disciplinas nas quais não há um indígena formado e, mesmo assim, esse docente deve ter carta de anuência do cacique e da direção para atuar na escola. Isso ocorre, principalmente, porque é de suma importância que o corpo docente tenha consciência das particularidades que irá encontrar em uma escola indígena. Pois, como relatado pelos professores, os conteúdos básicos previstos no planejamento da SEED, muitas vezes precisam ser adaptados para a realidade dos alunos, caso contrário os mesmos encontram dificuldade na sua compreensão e, conseqüentemente, em sua aplicação:

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

P6 – eu pego o conteúdo no RCO⁵ e vou adaptar...vou trabalhar um tema na...minha sala de aula esse tema....no caso da educação escolar não indígena você trabalha o tema direto...você coloca o tema no quadro e você trabalha direto...e nós precisamos com esse tema trazer pra nossa realidade e pra nossa cultura...entendeu? então quanto mais próximo da realidade a gente trazer aquele conteúdo...mais ele vai ter compreensão do que é o espaço geográfico no caso...do território...como...eu tô trabalhando no oitavo migrações...imigrações em geografia...aí eu já falo das aldeias...aonde que eles mudaram...que os daqui geralmente o guarani ele vai pra São Paulo...aonde que é o percurso do guarani né... guarani é...o território guarani...o percurso que eles fazem...os kaingang né...o kaingang está em São Paulo né...está.../em São Paulo...Paraná e Rio Grande do Sul está as tribos kaingang né...então eu tento trazer pra realidade do povo...então a interculturalidade é aqui...né principalmente pro professor não indígena né...pra trazer com base no RCNEI nós precisamos fazer isso...então não é só pegar o tema aqui do RCO e colocar...nós temos que também ter estratégia como que nós vamos trazer pra cultura né...

Maher (1996) destaca que muitos aspectos culturais, em sua essência, são dinâmicos e propícios a mudanças, logo traços culturais como linguagem, aparência, comportamento podem ser diferentes quando falamos dos índios. Assim, não é interessante que a escola indígena e seu corpo docente utilize os mesmos materiais, que são disponibilizados para todas as escolas da rede estadual do Paraná. A autora ainda destaca que é bastante complicada a busca pela definição de grupos étnicos a partir dos conceitos de cultura, justamente por esta possuir um caráter fluído.

Outro importante elemento destacado pelos professores índios presentes durante a entrevista foi como a sociedade os enxerga durante sua busca pela formação. Foram relatadas dificuldades com a língua, com a compreensão do conteúdo dentro do ambiente acadêmico e, ao que é possível notar nas falas dos professores, a própria organização da universidade é difícil para eles, pois a forma da prática educacional é diferenciada para os indígenas, pois eles têm outros objetivos que não apenas a formação acadêmica:

⁵ O Livro Registro de Classe Online (LRCO), instituído pela Resolução N° 3550/2022 GS/SEED-PR, como documento eletrônico para o registro online de frequências, conteúdos/planejamentos e avaliações dos estudantes.



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

P3 – sim pra que eles não sofra dentro da universidade...por que nós que é falante até hoje sofre dentro de uma universidade...você chega lá e::: por exemplo...vamo citar assim...vocês que não são os indígenas já preparam os filhos pra essa::: questão assim da universidade pra preparação...e nós já não...então quando um aluno...ou tanto nós tando qui...com certeza todo mundo tá fazendo universidade...a gente chega lá parece que você bate contra uma parede...porque você não sabe o que que realmente.../e lá dentro da universidade tem palavras que a gente que é falante do kaingang e do guarani não entende nada...as vezes a gente chega numa universidade tu pega e senta num canto...e dentro de uma universidade a maior dificuldade é isso...porque você já é o falante indígena então quando você chega lá você não entende mais nada...as vezes o portu/porque lá é só a base do português né...tem palavras que você não entende...você bate a cabeça...até que...as vezes os indígena acabam desistindo...quantas e quantas vezes eu na universidade vejo os não indígena...os aluno comigo lá...falam “ah vocês ganham pra estudar então porque vocês abandonam?”...não é porque a gente que abandona...a gente as vezes abandona porque a gente não consegue se adapta com o lugar...com o jeito deles [...]

A partir das falas dos professores índios é possível notar a preocupação com a preparação das crianças para que elas possam frequentar ambientes sociais em geral, dessa forma a escola teria como função prepará-las para o futuro, para conviver com diferentes culturas e apreender os mais diversos conhecimentos. Entre as informações coletadas, destacamos a afirmação de que muitas vezes o índio é tido como um indivíduo que desiste de estudar por vontade própria, contudo a professora relata:

P3: [...] “não a gente não desiste porque que a gente que...a gente tem di-fi-cul-da-de”...porque eles sempre falam “vocês ah...vocês ganham pra isso, porque que vocês ainda têm a coragem de abandona?” eu digo “não é isso...não é questão de dinheiro...é a questão que você não vem preparado pra isso...você chegou aqui e viu as coisa totalmente diferente e não tá conseguindo ir pra frente”...se um não te tá a mão...as vezes os não indígena uns vão lá.../eu tenho muita dificuldade...eu já quando...quando eu fico muito nervosa eu começo a fala em idioma ali...quando eles falaram pra mim “hoje tu vai explica sobre o teu tcc”...eu...eu já aviso...”oh...se eu começar a fala o idioma vocês não vão me briga?” Eles falam “não”...porque a UFFS ela...ela

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

entende mais a questão indígena também...é uma universidade que deu a oportunidade pra vários indígena...

Nos relatos obtidos é perceptível o cuidado que os professores indígenas têm com seus alunos para que eles não enfrentem tantas dificuldades quanto eles enfrentaram quando saíram do convívio de sua comunidade. Fortalecendo essa visão, Maher (1996, p.19) afirma que a “ cultura indígena não define o índio, mas o indivíduo é índio, ele define sua cultura, sua maneira de viver e de se organizar. ” É exatamente essa a visão que fica: o índio busca, constantemente, se adaptar ao meio no qual está inserido. Os tempos mudaram, sua cultura, seu modo de agir, precisa mudar para que possa se adaptar ao que está acontecendo atualmente, pois ele faz parte desse tempo, do presente.

3.2 Escola Quilombola

No município de Palmas – PR estão localizadas três Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ) certificadas pela Fundação Palmares: CRQ Adelaide Maria Trindade Batista, CRQ Castorina Maria da Conceição e CRQ Tobias Ferreira. As comunidades levam nome de seus(as) primeiros(as) líderes, fundadores(as), matriarcas e patriarca. (KASPRESKI, 2020, p.63)

A educação Quilombola é amparada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica específica e estabelecida pela Resolução nº 08/2012 CNE/CEB. Assim, são desenvolvidas unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, com proposta pedagógica própria que respeita a especificidade étnico-cultural da comunidade.

De acordo com a Secretaria Estadual da Educação do Paraná (SEED-PR) as unidades escolares localizadas em território quilombola atendem estudantes oriundos de suas comunidades. Uma dessas escolas está localizada na Comunidade Quilombola Adelaide Maria da Trindade Batista, em Palmas – PR, o Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Em entrevista realizada com o corpo docente do Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira, tomamos conhecimento que a escola não atende apenas ao público que reside na Comunidade Remanescente de Quilombo, mas também a todos que desejarem estudar lá. Assim, alunos de diversas etnias frequentam o colégio. Sobre a organização escolar quilombola e os conteúdos aprendidos, a professora (P01) destaca:

P01 - Tem no país uma lei que obriga as escolas temas relativos a história dos povos africanos...nas últimas décadas tivemos muitos avanços na área da educação com o declínio do analfabetismo e aumento da escolarização da escolaridade média, mas há muito que ser feito para alcançar índices melhores de qualidade, eficiência e rendimentos no ensino, compatíveis com as necessidades iguais e futuras para o mercado de trabalho...exercício da cidadania para a população jovem negra...

Uma das leis a qual a professora se refere é a lei federal 10.639/03 que versa no artigo segundo sobre a necessidade de ministrar conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira no decorrer de todo o currículo escolar. Então, por ser um colégio reconhecido como quilombola e atuar de forma consonante a lei nº10.639/03 e ao Art. 1º da orientação expressa nas Diretrizes sobre o ensino e Educação Escolar Quilombola seus conteúdos são organizados a partir da memória coletiva, das línguas remanescentes, dos marcos civilizatórios, práticas culturais, das tecnologias e da forma de trabalho, tradições e demais elementos que são tidos como patrimônio cultural de comunidades quilombolas do país. (BRASIL, 2012)

Destaca-se ainda, que no colégio em questão há uma disciplina nomeada “Comunidade Negra”, na qual são abordadas as particularidades presentes na comunidade. Um aspecto bastante presente durante a roda de conversa com os docentes da escola quilombola foi a necessidade de mostrar o outro lado da história: a versão dos negros.

P02 - Acho que em primeiro lugar é mostrando nossa real história... né. [...]É, é::até a pouco eu li um livro e trabalho bastante com eles do ensino médio...hummm...é::“O perigo da história única”... né. o livro. Então –

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

porque desde sempre foi nos contado uma história...a história branca. Então nós fazemos essa desconstrução... né? Nós mostramos pra eles a real história...é::o enfrentamento que eles terão... né.

É evidente na fala da professora a necessidade da desconstrução do que foi aprendido, divulgado e debatido até então. É preciso recomençar a contar a história, mostrar que o negro faz parte dessa sociedade e que ele é fundamental para o seu desenvolvimento.

P02 - Nós não falamos, a:: o futuro vai ser ótimo e brilhante, maravilhoso. Não...a gente fala pra eles e mostra a história... né. Pega os exemplos dentro da comunidade, né...dentro das próprias famílias e trabalha com eles nesse contexto mostrando a real história.I::pra que eles saibam que não é impossível... mas que o trajeto não é fácil principalmente pelos nossos governantes, né...por não termos um, um::apoio real que ne, que nós necessitaríamos para trabalhar com eles, né?

Sobre o preconceito enfrentado pelos negros no Município de Palmas – PR, os professores contam um pouco das lutas por seus direitos e reconhecimento dos Quilombos que, ao todo, são três.

P02 - Quanto a sociedade palmense... eu não sei se todos veem como eu mas:: a nossa luta dentro do nosso município é árdua... três quilombo dentro do município... olhe gente... se os professores ai quis é fala, Tiago... Assim tudo tem que se com muita luta...sabe...tudo tem que se com muita luta...nois não temos uma boa aceitação...nois não somos vistos com bons olhos perante a sociedade palmense...porque é uma sociedade de fazendeiros.. Coronéis... Escravagista... então eles têm bastante preconceito.

Durante a conversa foram compartilhadas histórias de luta contra o preconceito que a sociedade tem para com as comunidades quilombolas e, também, trabalhos realizados no colégio para a conscientização e combate à discriminação racial na sociedade palmense. Assim, fica evidente o importante trabalho desenvolvido pela escola no desenvolvimento da identidade étnica de seus alunos, pois como disse Lélia de Almeida Gonzalez *apud* Barreto (2019): “A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. ”

4 Considerações finais

O presente trabalho teve início a partir de questionamentos sobre a organização dos espaços escolares voltados a etnias específicas: índios e negros. Dessa forma, após visita realizada à Escola Estadual Verá Tupã localizada na Comunidade Indígena Palmeirinha do Iguaçu no município de Chopinzinho – PR, e ao Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira localizado na Comunidade Quilombola Adelaide Maria da Trindade Batista, em Palmas – PR, percebemos a importância do trabalho que é realizado nestes espaços, pois além de conteúdos programáticos os alunos têm acesso a história e cultura pertinentes às etnias.

É importante destacarmos que apesar da existência de leis que regulamentam as especificidades desses espaços escolares ainda há muitos empecilhos para o desenvolvimento de seus trabalhos. Entre os problemas citados destaca-se a dificuldade de acesso a formação continuada por causa do idioma, como relatado pelo corpo docente da Escola Estadual Verá Tupã. E o preconceito enfrentado pelas comunidades quilombolas no Município de Palmas.

Assim, é perceptível que as escolas não têm em comum apenas o trabalho com etnias, mas também o enfrentamento aos preconceitos e a importância do papel da escola na construção da identidade étnica de seus educandos, sempre tendo como objetivo que esse aluno saiba como se impor diante das barreiras que encontrará na sociedade na qual está inserido.

Mas não apenas de dificuldades vivem as escolas visitadas, em ambas as rodas de conversa notou-se ainda que os professores se preocupam que a escola seja um ambiente acolhedor e seguro para as crianças e adolescentes que passem por ali. Além do competente trabalho com os conteúdos programáticos e as adaptações que são realizadas para que se tornem compreensíveis aos alunos.

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Ao final, após analisar a bibliografia e os dados coletados em campo, fica explícito o quão fundamental e necessário é a atuação dessas escolas em suas comunidades, pois elas auxiliam na construção de uma identidade étnica e fazem com que o indivíduo consiga enxergar as possibilidades existentes além dos muros da escola.

Referências

BARRETO, Raquel. **Uma pensadora brasileira**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/> Acesso em: 10 de agosto de 2022.

BRASIL. **Lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p.1, 10 jan.2003.

_____. **Parecer CNE/CP no. 003/2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Reações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p.1, 17 jun.2004

_____. **Portaria Interministerial n.º 559, de 16.04.91**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Ind%C3%82%C2%A1gena.pdf> Acesso em: 04 de agosto de 2022.

_____. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, p.240-255, Jul/Dez 2011.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junho 2008.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru – SP: EDUSC, 1999.

Dados sobre a educação indígena no Paraná. Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/educacao_escolar_indigena. Acesso em 02 de agosto de 2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Educação| Michaelis On-line. Acesso em 31 de julho de 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KASPRESKI, Renata dos Santos. **A gente só olha o presente... nunca se olha o passado:** as comunidades quilombolas pelo discurso do outro. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2006.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **Ser professor sendo índio** - questões de linguagem e identidade. 262f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas: SP, 1996.

SANTOS, Bruno Freitas. **O Multiculturalismo na educação.** Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/13173/1/Artigo_MulticulturalismoEducacao.pdf. Acesso em 01 de agosto de 2022.

SANTOS, Márcia Andrea. **“Nós só conseguimos enxergar dessa maneira”...;** representações e formação de educadores. 192f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas: SP, 2010.

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros:** diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". IN: Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003.